manchete

Público

02-09-2013

Periodicidade: Diário
Classe: Informacão Geral
Âmbito: Nacional
Tiragem: 51453

Temática: Política
Dimensão: 519
Imagem: S/PB
Página (s): 10

A nova deputada do BE vem de Londres e escreveu dois livros com Francisco Louçã

Perfil
Ana Maria Henriques

Mariana Mortágua, de 27 anos, interrompeu o doutoramento e entra no Parlamento à frente de outros deputados

Quando as reuniões plenárias regressarem à Assembleia da República, a 16 de Setembro, Mariana Mortágua vai ocupar o lugar deixado vago por Ana Drago enquanto deputada pelo Bloco de Esquerda, num processo pouco pacífico. Um grupo de militantes do partido questionou a escolha, apelidando-a de "nada transparente". Para que Mariana ocupasse este lugar, nove candidatos na lista de Lisboa tiveram de renunciar. Já a direcção justificou com o facto de se tratar de uma economista e esta área estar desguarnecida desde a saída de Francisco Louçã.

Mariana desdramatiza a contestação. "Quem tomou a decisão da substituição foi a comissão política, com base em critérios objectivos que me pareceram coerentes", explica, dizendo que aceitou por "achar que tinha sentido". Não foi, contudo, uma decisão imediata, antes "reflectida".

Estava a viver em Londres, onde era doutoranda em Economia na School of Oriental and African Studies, com o apoio de uma bolsa de investigação, mas não tinha a vida muito decidida. "Havia a possibilidade de ter de voltar para Portugal e continuar o doutoramento a partir daqui, passando uma temporadas lá e cá, conforme o financiamento", justifica. Escolheu voltar e agora vai conciliar o desenvolvimento da tese com o trabalho no Parlamento, ainda que a primeira, sobre a crise europeia, se vá estender no tempo.

Economista entusiasta

Mariana Mortágua tem 27 anos e entusiasma-se quando fala de economia. E de política. As duas estão sempre juntas: "O facto de estar na política ajudou-me muito a compreender a economia e a ver a disciplina económica de uma forma diferente". E o contrário também é verdade.

ENRIC VIVES-RUBIO

Deixou o Alvito, onde nasceu, e rumou a Lisboa para estudar no ISCTE e fez o Erasmus na Eslovénia

Com Francisco Louçã, figura do partido que admira (Miguel Portas e Luís Fazenda também estão na lista, pelo "papel importantíssimo que tiveram na esquerda em Portugal"), aprende e discute, sobretudo economia. A quatro mãos já escreveram dois livros ("*A Dívida (dura) – Portugal na crise do Euro*" e "*Isto é um Assalto*"), o último dos quais editado em Fevereiro com ilustrações de Nuno Saraiva.

"Se este Governo insistir numa política de austeridade e cortes orçamentais, como já percebemos que vai insistir, podemos esperar um país muito pior", diz. "E não só pior porque não cresce, mas porque quando cresce é mais desigual." Por isso vê necessário o combate ao programa: "Estamos a falar do país que queremos daqui a dez anos, do nosso plano". Não vai melhorar, crê, antes pelo contrário.

Não se acha diferente dos outros jovens portugueses, até porque tem um percurso que se assemelha ao de muitos: deixou a terra onde nasceu, o Alvito, para estudar em Lisboa (no ISCTE); fez Erasmus na Eslovénia; tirou um mestrado também no ISCTE.

A nova parlamentar desdramatiza e evita polémicas. Diz que quem tomou a decisão da substituição dos deputados foi a comissão política com base em critérios objectivos que lhe parecem coerentes

A economista vai ocupar uma área desguarnecida no grupo parlamentar após a saída de Louçã

Passou por uma empresa de consultoria e pelo Parlamento, perto de Louçã. Fez investigação no departamento de finanças daquela instituição, sempre ligada ao BE.

É que apesar de sempre ter querido estudar fora (o ano que passou em Londres foi "de muitas horas de biblioteca"), nunca ponderou deixar por completo Portugal: regressar estava sempre nos planos. Hoje em dia admite que, como muitas pessoas e "à medida que as condições se tornam mais precárias e difíceis", começa a escolher o país para onde poderia ir, mesmo não sendo um objectivo.

A partir de amanhã, Mariana integra a comissão parlamentar dedicada aos *swaps* e as questões económicas vão estar ainda mais próximas. Não esquece, ainda assim, outros assuntos: "A defesa dos direitos LGBT, o combate cerrado para que a lei da adopção seja aprovada no Parlamento e no futuro a legalização das drogas leves". Temas que, considera, "dizem muito aos jovens e também deviam dizer ao país".

Ver mais em
p3.publico.pt